

Esporte na escola: conhecer, experimentar e transformar

Andrize Ramires Costa

Elenor Kunz

119

Resumo

Sem retomar com maior profundidade as críticas já realizadas no passado sobre os problemas do ensino dos esportes na escola, acentuam-se, nesta análise/proposta, as possibilidades educacionais abrangentes que podem ser fomentadas pela Educação Física Escolar quando, entre outros aspectos, atender a uma prática de rendimento necessário e não obrigatório, por meio de uma metodologia conduzida pelo processo de conhecer, experimentar e transformar o esporte a ser praticado nesse âmbito.

Palavras-chave: esporte; rendimento; Educação Física; escola.

Abstract

Sport at school: knowing, experiencing and transforming

Without resuming in greater depth the criticisms already made in the past about the problems of teaching sports at school, in this analysis/proposal, we emphasized comprehensive educational opportunities that can be fostered by the Physical Education at school when, among other things, it meets a practice of performance needed and not mandatory, through a methodology driven by the

process of knowing, experiencing and transforming the sport to be practiced in this area.

Keywords: sport; yield; Physical Education; school.

Introdução

Passados mais de 20 anos após o lançamento de novas propostas interventoras para a Educação Física Escolar, como a Crítico-Superadora, a Crítico-Emancipatória e Aulas Abertas às experiências dos alunos, entre outras do chamado pensamento renovador, poucas mudanças concretas na sala de aula do professor realmente aconteceram. O esporte continua sendo “conteúdo determinante das aulas de Educação Física” (Kunz, 1989).

Com a aproximação dos megaeventos esportivos no Brasil – a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016 –, a questão do ensino dos esportes no âmbito escolar entrará novamente em calorosos debates.

Certamente de um lado ficarão os que defendem, com a chegada desses eventos, que a área terá uma excelente oportunidade de se valorizar, mostrando a importância do esporte para os já conhecidos e badalados fatores de fomento à saúde, à educação, à cidadania e às vitórias. De outro lado, os que preferem mostrar que o maior valor dos esportes na escola está nas possibilidades educativas quando esse conteúdo for apresentado e ensinado de forma lúdica e prazerosa a todos.

A segunda proposta, da ludicidade e valores educacionais mais amplos – incluindo os sentimentos de humanidade, como a cooperação, a solidariedade, a reverência, a amizade, entre outros, por meio do esporte –, terá as suas dificuldades aumentadas no contexto futuro, já que os megaeventos irão provocar e promover a relevância do espírito competitivo, das vitórias e dos ídolos e terão ao seu lado o poder educacional e condicionatório de jovens e crianças, especialmente de excelência no contexto brasileiro, que é a mídia esportiva.

Portanto, é uma boa hora para que a revista *Em Aberto* aborde novamente essa temática tão importante e tão atual como o esporte em tempos de megaeventos no País.

De nossa parte, tratamos de um tema já iniciado na década de 90 com o livro *Transformação didático-pedagógica do esporte* (Kunz, 2010), na tentativa de mostrar mais uma vez que o esporte, assim como é conhecido atualmente pela sua alta *performance* e competitividade e mostrado na mídia, apresenta valores muito reduzidos para um tratamento pedagógico na escola, contribuindo mais para aumentar o contingente de crianças e jovens frustrados com essa atividade do que vitoriosos e bem-sucedidos. A isso se pode atribuir um fator de “irresponsabilidade pedagógica” do profissional de Educação Física.

Características constitutivas do esporte: valores e padrões estéticos

O esporte é atualmente no mundo, sem sombra de dúvida, o fenômeno social que obteve a maior expansão e valorização, não apenas comercial, mas, especialmente, cultural dos últimos tempos. Percebe-se esse fato observando sua divulgação tanto na mídia como em obras literárias de caráter científico e cultural. Além de ele ter despertado um grande interesse de setores da economia e do mercado, e também da própria indústria da informação, o esporte tem sido tratado de forma muito séria e profunda nas análises de pesquisadores de diferentes áreas, em que não se incluem apenas profissionais da Educação Física e dos esportes, mas também sociólogos, antropólogos, filósofos, médicos, economistas, etc. Muitos desses estudiosos fizeram abordagens críticas bastante sérias devido ao próprio processo acelerado do desenvolvimento do esporte nos últimos anos, especialmente no período de sua maior valorização comercial; com isso, a ocorrência de exageros e abusos na exploração de resultados esportivos em que o esporte, ou melhor, o alcance de resultados muitas vezes é colocado acima do esportista, o que gerou inúmeras denúncias com relação ao esporte e seus praticantes por excelência, os atletas. Podemos dizer, em síntese, que a cultura do humano no esporte se transferiu para a cultura do rendimento.

Surgiram assim, de certa forma, dois polos de observação: um pelo lado crítico, no qual só se viam aspectos negativos, que justificam sua própria não participação como praticante ou estudioso, e outro pela exacerbação do rendimento esportivo como valor máximo das possibilidades humanas, desconsiderando os meios para seu alcance. No entanto, um estudo mais profundo e abrangente do fenômeno sociocultural e historicamente construído do esporte que abranja todas as instâncias sociais e os complexos relacionamentos com a vida social e cultural em todos os aspectos e no contexto mundial ainda está por ser escrito.

Sendo esse um fenômeno sociocultural complexo, para entendermos um pouco o processo de expansão e formação de valores e as características estéticas, optamos por uma análise em três níveis, conforme as próprias estruturas representativas do desenvolvimento do esporte em nosso meio. Assim, temos, com base em Trebels (1975):

- 1) A *prática* é certamente a característica representativa maior para crianças e jovens e envolve não apenas locais para uma realização efetiva, mas também materiais específicos para diferentes modalidades e a própria instrumentalização corporal, que vai desde o vestuário ao condicionamento físico específicos. Neste caso, consideram-se não apenas os esportes profissionais, ou seja, os que envolvem os praticantes em competições esportivas de alto rendimento, mas todos aqueles que se envolvem, de uma ou outra forma em contextos definidos para tal, com a prática do esporte.

- 2) A *imagem pela mídia* claramente exerce outro papel importante na estrutura representativa do esporte, ou seja, os meios de comunicação, especialmente a televisão, são decisivos na formação de significados e parâmetros de agir no esporte. Essa talvez seja hoje uma das influências maiores na expansão e, ao mesmo tempo, na limitação de uma determinada prática de esportes e, sem dúvida, a principal na formação de valores e padrões estéticos de origem esportiva.
- 3) As *manifestações simbólicas* como mais uma importante estrutura representativa do esporte podem ser consideradas os desenvolvimentos teóricos na busca de conceitos e formulações científicas para esse fenômeno social complexo. Como já observado acima, essa estrutura representativa também se encontra em franca expansão atualmente, até mesmo devido ao tipo de desenvolvimento e valorização alcançada pelo esporte em todos os planos socioculturais dos últimos tempos.

Apresentamos essas três estruturas representativas da realidade do esporte para mostrar, especialmente, as complexas inter-relações delas, nem sempre visíveis no contexto das práticas. Assim, o que ocorre numa prática esportiva em diferentes situações de contexto ou de participantes tem sempre uma direta ou indireta influência desses três níveis representativos do esporte; contudo, a estrutura representativa de maior influência em qualquer contexto e de maior número de participantes é a da imagem midiática. Há de se notar que, com a aproximação dos megaeventos, a organização das múltiplas formas de expressão pública do esporte – tais como: praças de lazer e organizações governamentais ou instituições como os novos centros de treinamento de alto rendimento – encontra-se em total dependência de uma política de lazer e esportes e dos valores apresentados pelo mercado e pela mídia.

Por isso, na busca renovada de encontrar novas formas de praticar esportes que objetivam o desenvolvimento de novos e abandonados valores éticos e estéticos das relações humanas envolvidas, é necessário aprofundar mais algumas análises do esporte, não apenas para propor mudanças na sua prática, mas até mesmo para uma maior vigilância no seu desenvolvimento em âmbitos que não visam ao rendimento máximo e têm a competição como única finalidade.

Para tanto, é necessário apresentar com clareza a estrutura e os princípios que precisam ser mais bem compreendidos pelos praticantes, especialmente os escolares, para não cair nessa finalidade única que muitas vezes aparece como princípio orientador de forma inconsciente, até mesmo naqueles praticantes do esporte de lazer, que é o alto rendimento ou modelo deste. Assim, é preciso entender que o esporte que queremos desenvolver e apresentar como uma manifestação digna e significativa de ser praticada devido às suas qualidades e seus valores socioculturais não pode ser o que:

- tenha a competição e a concorrência como princípios fundamentais e únicos para seu funcionamento;

- tenha sua orientação sempre voltada à produção de rendimentos a partir do modelo olímpico do mais veloz, mais alto e mais forte (*citius, altius, fortius*);
- tenha como princípios básicos apenas a sobrepujança e as comparações objetivas e que, por consequência, introduza o praticante em um processo incontornável de selecionamento, especialização e instrumentalização;
- encontre, por último, o sentido e significado máximo entre seus praticantes apenas quando consegue submetê-los, totalmente, às regras e gestos técnicos, padronizados além da exigência de resultados mensuráveis e comparáveis a padrões preestabelecidos. Em outras palavras, valorizando apenas o significado comparativo dos movimentos praticados e os locais e materiais padronizados e construídos com finalidades competitivas.

A compreensão desse quadro de influências e interesses manifestos nas práticas esportivas, em qualquer contexto e em qualquer situação de praticantes, torna possível encontrar e desenvolver outros importantes sentidos e significados com e pelo esporte.

Os sentidos do esporte: integrar, confrontar, acentuar, cooperar

Além da formação de valores humanos no plano individual, o esporte sempre foi visto também como de maior importância no processo de socialização, no qual, pelo confronto e assimilação/aceitação de valores, normas e padrões de conduta social, a criança ou o jovem adquire as capacidades de conduta e ação que a(o) habilitam como membro de um sistema social.

Nessa descrição global, confrontam-se complexidades do processo de socialização que envolvem, especialmente, questões culturais, educacionais e de personalidade dos participantes. Importa afirmar que, pelos sentidos que podem ser atribuídos na prática dos esportes, é perfeitamente possível que as pessoas, em seu livre movimentar-se, interajam com outras, com o meio e consigo mesmas.

Isso propicia, também, o sentir-se integrado, assimilando e aceitando o processo socializador, além de perceber que esse constante confronto conduz a um processo de autoconhecimento crítico que leva a vivências sociais e individuais com efeitos sobre ampla e profunda visão de mundo, dos outros e de si próprio.

Esse processo socializador crítico pelo esporte não ocorre pela simples oferta de materiais e locais para grupos se reunirem e praticarem esportes, nem mesmo com a simples presença de um profissional de Educação Física – que precisa saber conduzir o processo da prática para efeitos socializadores e educacionais de forma crítica –, é necessária a presença de profissionais que saibam adaptar/ajustar o esporte às pessoas interessadas em praticá-lo. Normalmente ocorre o contrário, inclusive com a presença de profissionais que encontram nisto sua justificativa, ou seja, ajustar pessoas ao esporte, sobretudo às altas exigências em termos de condicionamento físico e técnico. Isso leva muitos indivíduos a se sentirem frustrados,

sem condições de atender aos ajustes requeridos e, por consequência, abandonam o esporte que tanto gostariam de praticar.

Portanto, no processo socializador de integrar, confrontar e cooperar, que são características inerentes às vivências e experiências nas práticas esportivas, exige-se que alguns aspectos dessa prática sejam acentuados e outros minimizados. Do contrário, confronta-se sempre o mesmo problema, ou seja, socializam-se vivências e experiências de sucesso, êxito e prazer para poucos e de fracasso, frustração, vergonha e dor para muitos. É isso que contribui para o afastamento de pessoas das práticas do esporte, assim como para a falta de interesse de um grupo cada vez maior de alunos pelas aulas de Educação Física. O abandono só não é maior porque se acredita num outro grande valor decorrente da prática esportiva que independe do sucesso ou fracasso: os benefícios à saúde do praticante. Hoje, porém, ele é mais bem representado pelas modernas academias.

Numa prática esportiva em que o confronto é necessário não apenas no plano pessoal, mas especialmente com o meio para, em consequência, avaliar e decidir sobre os modos de integrar e cooperar no processo socializador, devem ser diminuídas as formas de prática esportiva mencionadas anteriormente, relativas principalmente ao esporte de competição e de alto rendimento, e acentuada uma nova forma de rendimento esportivo – isso deve acontecer principalmente na escola.

Portanto, os alunos de uma aula de Educação Física também sofrem com esse problema. Com o que um professor de Educação Física pode contribuir para que os alunos possam se desfazer dessas imagens e buscar rendimentos a partir de suas próprias capacidades e limites? Como é possível introduzir para o aluno a ideia de necessidade e não de uma obrigação de rendimento?

Os alunos precisam entender que para uma boa prática esportiva não é necessário cumprir um rol de exigências, como as do treinamento, nem é preciso saber praticar um esporte tão bem como os atletas a que eles assistem em quadras de competição ou na televisão; precisam compreender que isso não traz nenhum tipo de prejuízo à imagem e aos valores pessoais do discente.

Em síntese, o aluno deve descobrir que é possível render, até razoavelmente muito, sem precisar a cada instante estar provando rendimentos nos padrões aceitáveis socialmente. Em outras palavras, pedagogicamente é muito mais relevante falar de um *rendimento necessário em vez* de um *rendimento obrigatório*.

Por isso é importante analisar e entender, além do valor, o sentido do rendimento nos esportes. Qual a importância de um alto nível de exigência técnica para esse rendimento? É evidente que rendimentos físico e técnico são necessários para uma boa prática esportiva, para uma prática que tenha sentido e dê prazer ao praticante. Porém, se nos orientarmos apenas pelos padrões pré-fixados, podemos exigir dos nossos alunos muitos rendimentos desnecessários e, inclusive, absolutamente falsos e negativos.

O rendimento necessário deve ser proposto e o rendimento obrigatório, superado, porque podemos encontrar em diferentes contextos, também na escola, algumas práticas esportivas em que prazer, alegria, integração e cooperação oferecem

a tônica dessas atividades; mas, por outro lado, não é possível dizer que não está havendo nenhum tipo de aprendizagem, ganho, rendimento. Do ponto de vista humanitário, como visto anteriormente, pode ocorrer um grande rendimento, no sentido de desenvolvimento pessoal e coletivo, porém numa forma em que o “poder render sem ser obrigatoriamente necessário render” é naturalmente alcançado. Se algumas exigências quanto à obrigatoriedade de rendimentos persistirem, como alcance de certo score do jogo, da aplicação de técnicas e táticas padronizadas, a dedicação e o esforço pela vitória são bastante diminuídos. Quando um rendimento for percebido como necessário – para superar confrontos, integrar-se no grupo e cooperar com a prática esportiva –, e não obrigatório, do modo normalmente apresentado, então é possível que o esporte também possa ser, além de uma prática prazerosa, um fomento para múltiplas perspectivas – como muitas vezes previstas, mas pouco alcançadas – relacionadas à saúde, socialização, formação de personalidade, educação, etc.

Compreender, experimentar e transformar o esporte

Acreditamos que, atualmente, os maiores limites para a prática esportiva são produzidos pela imagem, pela concepção social e culturalmente construída para o esporte, em que prevalece a ideia de ele ser uma atividade importante apenas para pessoas jovens, saudáveis e talentosas, que, ajustadas a suas exigências práticas, terão êxito em competições esportivas. Assim, a partir da classificação acima referida, podemos perceber que, nos parâmetros que se tem pela prática, fica evidente a majoritária participação de pessoas jovens no esporte, passando também a ideia de que ele precisa, por isso, ser ensinado nas escolas.

Nas imagens apresentadas pela mídia esportiva, fica ainda mais evidente que essa prática pertence aos jovens. Somente na literatura esportiva pode-se perceber que o esporte é tratado como atividade que abrange, ou que poderia abranger, a totalidade da população, porém, essas abordagens, infelizmente, nunca se concretizaram na prática, conforme gostariam seus proponentes.

Romper com essa imagem de que é uma atividade apenas para jovens e com finalidades competitivas é a primeira tarefa para quem pretende apresentar e desenvolver um esporte com múltiplas perspectivas socializadoras, educativas, culturais e, até mesmo, terapêuticas. Para romper com essa imagem, é preciso apresentar o esporte e os locais de sua prática de forma atrativa e desvinculada dos padrões consagrados.

Múltiplas perspectivas para a prática de esportes somente podem ser alcançadas se conseguirmos desenvolver uma capacidade de agir com os participantes, de modo que eles assimilem e apreendam a realidade social sem, no entanto, precisarem copiar ou imitar cegamente essa realidade na forma como ela se apresenta hegemonicamente. Para que isso aconteça, são necessárias determinadas condições.

a) Condições locais e materiais

Os esportes praticados sempre em locais e com materiais padronizados e utilizados nas competições esportivas impedem muitas vezes que pessoas com uma compreensão concebida apenas pela visão a distância e externa ao esporte sintam-se plenamente à vontade para se integrar a uma prática, mesmo que esta esteja colocada sob o enfoque do lazer e da diversão. Portanto, é importantíssimo ofertar, também, possibilidades não padronizadas de locais e materiais para a prática esportiva, especialmente para aqueles com pouca ou nenhuma experiência nas clássicas modalidades de esporte. Muitas vezes, a experiência corporal mais importante para quem vai participar de uma prática esportiva não se relaciona tanto com o esporte em si e com os outros envolvidos, mas com ele próprio, o praticante, e com o meio.

O esporte poderá proporcionar importantes experiências diretas ao longo da vida do praticante, mas, ao ser ofertado em locais e com materiais padronizados e concebidos para uma finalidade já prevista – a competição e as comparações objetivas na forma universalmente conhecida –, então a experiência corporal e subjetiva desse praticante pode ser de fracasso ou derrota, afinal, o desafio, o risco, a comparação e o resultado final já foram fornecidos pelos próprios locais e materiais. No entanto, locais alternativos, arranjos materiais e diversificação da prática podem mudar completamente os desafios, os destaques, as relações com o meio, com os outros e consigo mesmo e, também, os resultados.

Por exemplo, o jogo de voleibol em quadra improvisada num gramado e com bola de espuma oferece completamente outros desafios, outras experiências corporais e subjetivas aos participantes e, com isso, também outros resultados. Não apenas resultados do jogo, mas de relacionamento, aprendizagem, vivência e experiência corporal dessa prática.

b) Condições para a oferta de um leque abrangente de práticas esportivas

Não estamos nos referindo apenas ao chamado leque olímpico do esporte, mas às práticas esportivas no sentido amplo, ou seja, desde a caminhada até o jogo de sinuca. É preciso enfatizar aos praticantes que as vivências e as experiências corporais mais significativas devem ser derivadas das múltiplas e variadas práticas e não da especialização única ou em algumas poucas.

Usamos seguidamente a expressão vivência e experiência por concordarmos com alguns autores que afirmam que a vida, a vivência e a experiência, embora ocorram sempre simultaneamente, constituem as dimensões mais importantes da existência humana quando envolvem, especialmente, atividades de movimento, como no caso do esporte. Para efeito de análise, porém, a vida se refere mais à existência biológica, às funções biológicas do ser humano, enquanto as vivências dizem respeito mais às expressões e sentimentos emocionais e as experiências, às manifestações e apreensões na consciência humana de todas as dimensões existenciais.

c) Condições para oferecer e desenvolver práticas esportivas alternativas

Referem-se não apenas à condição de materiais, locais ou modelos de esporte, mas também à sua articulação sociocultural, por exemplo, a oferta de esporte-família, no qual somente famílias se reúnem para uma prática esportiva saudável e integradora social e emocionalmente, ou, então, um festival músico-esportivo, em que uma prática esportiva se desenvolve e é movida pelo som de uma música ao vivo ou eletrônica. Modalidades e regras para essa prática obviamente devem ser desenvolvidas no local e pelos participantes.

Conclusão

As formas e condições apresentadas visam não apenas desenvolver uma prática esportiva com múltiplas perspectivas, mas principalmente desconstruir perspectivas consolidadas por uma imagem padronizada, de falsos e ilusórios significados assimilados, muitas vezes, pela maioria dos praticantes, e, por outro lado, construir novas e múltiplas possibilidades por meio do desenvolvimento de novos sentidos e significados para a prática.

Partimos da ideia de que, para se alcançar valores educacionais compatíveis para o seu desenvolvimento na escola, o esporte precisa passar por uma profunda transformação de estrutura e princípios. Dito de outra forma, ele precisa ser compreendido, experimentado e transformado na escola para que seu valor educacional possa se manifestar. Os apontamentos anteriores indicam algumas possibilidades dessa compreensão, experimentação e transformação em âmbitos não apenas escolares, pois o esporte precisa ser ensinado para ser praticado não apenas no âmbito escolar e no horário da Educação Física.

É necessário que se inicie na escola o processo de transformação do esporte, ensinando-se a compreender melhor o modelo tradicional de rendimento que precisa de destrezas técnicas padronizadas e as conseqüentes condições físicas necessárias para uma execução satisfatória dos gestos específicos para cada modalidade.

O sentido da prática esportiva se concentra na aquisição (submissão) dessas destrezas técnicas. Pela transformação didático-pedagógica do esporte (Kunz, 2010), esses sentidos e significados devem ser desconstruídos e reconstruídos pelos alunos e suas práticas.

Quando o esporte, “transformado didaticamente”, se desenvolver a partir da alegria e da vontade dos seus participantes e das infinitas possibilidades de um “movimentar-se” em diferentes contextos e formas, então um momento constitutivo desse prazer e dessa alegria na realização bem-sucedida será alcançado por um “poder render sem precisar”, ou seja, por um rendimento necessário, mas não obrigatório. Por isso, o esporte tradicional, ou “do rendimento”, como muitas vezes é conhecido, precisa passar por uma “transformação didático-pedagógica”.

Em virtude disto, vale mais uma vez lembrar que é importante, inicialmente, conhecer o esporte em suas diferentes manifestações (*compreender* o esporte) para entender que no contexto escolar é possível e importante praticá-lo (*experimentar* o esporte), para então decidir sobre as mais diferentes formas e necessidades transformadoras (*transformar* o esporte).

Finalmente, o ensino dos esportes na escola, nessa perspectiva, exige, também, uma metodologia de ensino orientada para a problematização, o que implica:

- liberdade de agir e descobrir formas de movimento individualmente significativas;
- ultrapassar a dimensão da simples aprendizagem motora para os gestos esportivos;
- conhecer e interpretar os meios materiais utilizados para as realizações práticas, bem como conhecer, interpretar e compreender a si próprio e os outros envolvidos na prática esportiva;
- a participação de todos nas decisões e soluções das tarefas de movimentos sugeridas e apresentadas em aula; e
- desenvolver a capacidade de autonomia ou emancipação dos alunos, não mais vistos como “apresentadores” de modelos de movimentos pré-construídos, mas sim como re-descobridores, re-inventores dos movimentos, autores do esporte que praticam.

128

O ensino do esporte, no contexto escolar, deve com isso observar, ainda, três pontos que são fundamentais para o proposto.

Primeiramente, o aluno, a criança ou o jovem deve ser o centro de interesse do ensino dos esportes, e não as atividades a serem realizadas (cumpridas), como acontece na maioria das vezes.

Em segundo lugar, a mesma atenção deve receber o mundo das possibilidades de movimento, que, por intermédio dos esportes, poderá ser compreendido pelos alunos. Ações e movimentos no esporte se desenvolvem sempre em relação a pessoas, coisas e situações. É muito importante perceber como o ser humano, em especial a criança, assimila, compreende o seu mundo de movimentos, o qual, por meio do seu envolvimento nas atividades esportivas, se torna um “mundo para” (Merleau-Ponty, 1996) os sujeitos que se movimentam.

Finalmente, é importante que as relações de sentido/significado se configurem como pressuposto normativo das ações de ensino. Para se entender plenamente uma ação de movimento, é necessário analisar, também, as relações de sentido/significado existentes nela.

Tente não se tornar um homem de sucesso, mas, em vez disto, tornar-se um homem de valor. (Albert Einstein).

Referências bibliográficas

ASSIS, S. *Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

KUNZ, E. O esporte como fator determinante da Educação Física. *Contexto & Educação*, Ijuí, v. 4, n. 15, p. 63-73, 1989.

KUNZ, E. *Transformação didática do esporte*. 7. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2010.

KUNZ, E. *Educação Física: ensino e mudanças*. 4. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TREBELS, A. H. Schulsport: konzeptionen und kontroversen. *Sportwissenschaft*, Schorndorf, n. 3-4, 1975.

Andrize Ramires Costa, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

andrizec@yahoo.com.br

Elenor Kunz, professor doutor pela Universidade de Hannover, é professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

kunz@cds.ufsc.br

Recebido em 22 de outubro de 2012.

Aprovado em 18 de fevereiro de 2013.

